

ORLANDO CALIMAN



Dependendo do período, podemos achar que o país cresceu e se desenvolveu. Mas a pergunta é se poderíamos estar bem melhor do que estamos hoje

O Brasil poderia estar melhor

Quando desejamos saber se um dado modelo de gestão ou de condução de um sistema complexo como um país, com seu modelo econômico, social e político, é comum, e até intuitivo, fazermos uso de um método simples: o das comparações. Mais corriqueiro ainda é fazermos comparações entre períodos de tempo. Assim podemos notar o comportamento de vários indicadores em diferentes governos, entre décadas, entre fases de ciclos econômicos. Também é aplicável nas nossas vidas. Afinal, nos interessa saber se estamos evoluindo bem, crescendo e realizando sonhos.

Só que essa maneira de compararmos as coisas numa perspectiva apenas temporal pode nos levar ao que eu denominaria de miopia da lateralidade. Mas, o que seria isso? Essa limitação de visão lateral significa basicamente não levar em consideração o que está acontecendo e como estão evoluindo as coisas ao seu redor. Em outras palavras, seria restringirmos as comparações num ciclo fechado, contrapondo nós com nós mesmos.

A ausência dessa lateralidade tem implicações, por exemplo, em avaliações que fazemos do Brasil, do seu desem-

penho econômico, social e político. Dependendo do período de tempo de análise, podemos achar que o país cresceu e se desenvolveu, distribuindo melhor a renda, reduzindo a pobreza, gerando mais empregos e melhorando as condições de vida dos cidadãos. Isso, de fato aconteceu, principalmente nos últimos 20 anos. Mas a pergunta é se poderíamos estar bem melhor do que estamos hoje.

Para responder, temos que aguçar a visão lateral, aquela que nos possibilita fazer comparações, por exemplo, com outros países, especialmente àqueles cujas características se aproximam às nossas. É a maneira de sabermos se estamos “andando” mais rápido ou mais devagar do que os demais, entre outros comparativos.

Foi através dessa perspectiva de lateralidade que três professores e pesquisadores, dois da PUC do Rio de Janeiro e da Academia Brasileira de Ciência, e outro do Insper/CNPQ, Vinícius Carrasco, Izabela Duarte e João de Mello, respectivamente, concluíram que, no período de 2003-2012, tivemos no Brasil uma outra década perdida. Outra porque a década de 80 também foi assim chamada.

Num exaustivo trabalho de pesquisa, que está sintetizado em artigo cujo título é até bastante sugestivo – “A Década Perdida: 2003-2012” - eles chegaram a constatação de que o Brasil poderia estar numa situação bem melhor do que se encontra no momento. Reconhecidamente cresceu, poupou e investiu, porém, pouco se comparado a outros países. Também recebeu relativamente menos investimentos externos do que potencialmente poderia ter recebido; aumentou a inflação; perdeu em competitividade e produtividade; piorou a qualidade da regulação; comparativamente evoluiu menos na educação, apesar do aumento dos gastos.

Para chegar a essas conclusões mais gerais e outras mais específicas, os pesquisadores fizeram uso do “Método do Controle Sintético”. Ele possibilita a criação de grupos especiais de países, que podem variar na composição de acordo com as dimensões e variáveis consideradas. Esses grupos são utilizados como controle para efeito de comparações. No caso do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, por exemplo, o grupo de comparação foi composto por Chile, China, México, Polônia, Tailândia, Turquia e África do Sul. E, nesse grupo, o Brasil apresenta trajetória abaixo da média.

A avaliação de que na referida dé-

cada tivemos um excelente desempenho da indústria automobilística pode ser também relativizada quando comparamos com o grupo de países de melhor desempenho. Enquanto que, em dez anos, a produção de automóveis no Brasil dobrou, no grupo de controle de melhor desempenho quadruplicou.

No caso do desempenho da economia, tomando-se como variável o PIB per capita, o Brasil avançou menos do que os países que compõem o grupo de controle de melhor desempenho – o “benchmarking”. Mesmo na questão da redução da pobreza, área onde inegavelmente avançamos, no entanto, quando confrontamos com o grupo de controle de melhor desempenho, o nosso país ficou abaixo da média. Segundo o estudo, na média, a população brasileira ficou entre dez e 15% menos rica do que deveria estar. Reproduzindo a expressão dos pesquisadores, ocorreu um “empobrecimento relativo”, que somente é detectado na perspectiva da lateralidade.

Não se está negando, com isso, a percepção de sensação de melhoria do bem-estar. Afinal, a maioria dos indicadores apontam, de fato, na direção de que o Brasil melhorou. Porém, como mostra o estudo, e nem todos têm conhecimento, poderia estar bem melhor.